

## O PENSAMENTO FILOSÓFICO- RELIGIOSO DE JOSÉ LINS DO REGO

Antônio Carlos Villaça

José Lins do Rego tinha o sestro de dizer que não era um homem culto, que era antes um primitivo, um ser destituído de formação cultural. O que estava longe, muito longe da realidade na sua inteireza. Embora guardasse fidelidade impressionante ao povo mais povo, e um gosto permanente da simplicidade, era homem de muitas leituras literárias, conhecia muito bem os seus ensaístas, passava com desembaraço e volúpia pelo mundo da cultura universitária.

Nunca foi um apedeuta. Como às vezes gostava de insinuar ou mesmo afirmar. Lia constantemente, como hábito, como necessidade do seu espírito, inquieto, devorador. E a sua cultura propriamente literária, imensa, adquirida lentamente ao longo de mais de trinta anos, admitia as incursões ocasionais no plano da filosofia ou do pensamento especulativo.

Claro que não tinha cultura filosófica sistemática, ordenada. Não estudou Filosofia. Estudou Direito. Mas a sua mesma intimidade com a literatura o introduziu em muitos temas filosóficos, que ele sabia abordar com argúcia e espontânea intuição.

O que avultava nele, sem dúvida, era o ser telúrico, *homo gentis suae*. Homem da terra, homem da região, homem do povo. Foi sobretudo um intuitivo. E a visão poética da vida dominava tudo mais. Não pertencia às inteligências explicativas, dos grandes expositores, como Álvaro Lins ou San Tiago Dantas.

Preferia os franciscanos aos jesuítas. Isto é, o espírito lírico ao espírito lógico. A liberdade ao método. A vida na sua concretude aos esquemas. Nisto, como em tantas outras perspectivas, sua posição se aproximava da de um Gilberto Freyre, que na década de 20 exerceu tão vasta influência cultural sobre José Lins, tal como este reconheceu e proclamou no belo prefácio a *Região e Tradição*.

E, quando Manuel Bandeira, em agosto de 1947, recebeu consagrada homenagem no Colégio Santo Inácio, em Botafogo, lendo então o texto da sua conferência sobre Conceito de Poesia, que incorporou ao livro de *Poetas e de Poesia*, José Lins escreveu uma crônica em *O Globo* e nela se revelava muito feliz com a homenagem dos padres-mestres, como ele dizia. Os padres-mestres desciam da sua clausura e vinham ouvir o poeta sexagenário e glorioso. E até o Arcebispo de Cuiabá, Dom Francisco de Aquino Correia, acadêmico, se unira aos jesuítas para aplaudir o poeta pernambucano.

José Lins jamais separou poesia e verdade. E amou a poesia como uma forma de conhecimento. Nisto, foi um göethiano, unindo verdade e poesia. Em crônica de *A Casa e o Homem*, exclamava que Heine salvará a Alemanha. E opunha nazismo e poesia.

O seu franciscanismo lírico foi uma constante no destino desse homem às vezes tão difícil, contraditório, antitético. Era preciso ver José Lins viver a vida, vê-lo, caminhar pelas ruas, como eu vi, Rua México, Ruado Ouvidor, vê-lo na pequena livraria José Olympio, Ruado Ouvidor 110, para sentir-se a carga de contradição que havia nele, os dois lados do seu ser tão complexo. Havia o lado solar, das risadas, das conversas sem fim, do convívio caloroso, da criação constante e rápida, e havia o lado noturno, lunar, crepuscular, sombrio, do hipocondríaco que existiu em José Lins, o homem que temia incrivelmente a doença e a morte.

Eram dois seres num só, o dionisíaco extrovertido e o pessimista desconfiado diante das possíveis e até prováveis ciladas do destino. Ele era simultaneamente um hedonista, mergulhado no lirismo tropical, e um triste, um melancólico, um ansioso diante da morte. A morte o perseguiu. Ele, como Schmidt, foi um devoto da morte, um torturado pela sombra da morte.

E a força da sua personalidade vinha exatamente dessa contradição, desse duelo íntimo, desse contraste, entre as gargalhadas, o tom feliz e até barulhento e a melancolia difusa. Oscilou entre o barulho, a efusão pura e simples, o ritmo espalhafatoso e os longos silêncios, um quê de arredio, de arisco, de solitário.

Passava de um hemisfério para outro com a maior facilidade e rapidez.

Pois habitava os dois. O seu pensamento filosófico estava impregnado de hedonismo, de um senso dionisíaco, de uma gula vital impressionante, e também de um pessimismo, de uma espécie de fatalismo, à maneira muçulmana — à *quoí bon?* Tudo estava escrito e . . . nada estava escrito.

Ele uniu uma ruidosa alegria de viver a uma tristeza um pouco sem remédio. Foi, sem dúvida, um homem do prazer, da primazia do prazer, como foi um ser da primazia do sentimento sobre a razão, ou da intuição sobre a logicidade. Evidentemente, a vida para ele eram *les nourritures terrestres*, como exprimira André Gide, em 1897, o mesmo ano em que morria Teresa de Lisieux, no seu Carmelo, aos 27 anos.

Mas esse hedonista, esse grande sensual temeu a morte e o sofrimento como poucos. A sua insegurança vinha daí, do medo da morte e da doença. E a perspectiva da morte o afligia tanto que ele se tornava triste, torturado. Por isso mesmo, amava os grupos, as multidões, que o distraíam de si mesmo e da sua melancolia. Perdia-se na multidão. Esquecia-se. Gostava de misturar-se ao povo nos estádios, como um torcedor qualquer. E gostava de ir almoçar com amigos na Confeitaria Colombo da Rua Gonçalves Dias, perto do elevador, e lá se discutia futebol, política, a vida numerosa. Sempre foi homem de grupo, de conversas longas, de convívio com os amigos. Era o seu refúgio.

Nada tinha de estóico. O hedonismo o dominava. Era um homem dentro da vida, como no título de Oswaldo Alves. Um homem dos sentidos, das sensações, dos sentimentos. O lado emocional era importantíssimo nele. Vivía de emoções. E escrever para ele foi sempre um ato de emoção.

Sensual e emotivo. Intuitivo e lírico. Muito mais da linha de Platão e de Agostinho do que da linha da racionalidade exigente de um Aristóteles e de um Tomás. A filosofia nele era um vitalismo que se misturava com a poesia, que vinha das raízes, da terra, do *humus*.

Havia de fato algo de úmido no seu pensamento. Como se ele arrancasse as idéias da própria terra, do mais fundo da terra ou de si próprio — *homo, humus* — o homem como o entendeu Ambroise Gardeil, o homem feito de barro, terreno, terrestre.

Eu diria que o seu pensamento era vegetal. No preciso e belo sentido de que se tratava de um pensamento concreto, ligado à cotidianidade, à vida mais singela, às origens, ao chão do homem. Nunca se entregou às idéias puras, às generalidades, às abstrações ou divagações de uma especulação mais ou menos fácil. Porque era um homem do seu massapê, da sua Várzea do Paraíba, do seu

engenho do Pilar, a que fui um dia, levado pela mão de Elizabete Lins do Rego, cicerone perfeita.

As terras úmidas do Nordeste estavam dentro dele e se transubstanciavam em pensamento, em idéias vivas, em reflexões banhadas de humanismo denso. Pois em José Lins havia densidade.

O fundo do seu pensamento era um catolicismo de origem popular, direto e fraternal. A religiosidade popular o acompanhou sempre. Um catolicismo telúrico, ligado à infância, aos mitos infantis, ao primeiro contato com a vida.

E sempre borbulhavam os dois aspectos, a festa católica, o lado gordo e leve, e as sombras penitenciais, o pecado e a morte, as santas missões, o inferno que Joyce de fato soube captar tão profundamente no seu *Retrato do Artista quando Jovem*.

O lirismo o salvou. Foi o seu lado lírico que o reconciliou com a vida e com os homens. Falando do Quixote de Unamuno, em *Gregos e Troianos*, ele nos diz que foi um Cid de coração maior do que a espada.

Em Paris, vai visitar a casa de Bergson. E lhe chama "o maior filósofo do nosso tempo" (*A Casa de Bergson, em Bota de Sete Léguas*). E se emociona diante do pequeno jardim.

Acima de tudo, amou a liberdade. Podemos dizer que a liberdade foi a sua grande categoria filosófica. Tudo no seu pensamento girou em torno da liberdade. Em *A Casa e o Homem*, no capítulo sobre a posição do escritor, nos afirma que "o escritor representa um elemento do jogo entre as divergências sociais e quase sempre um elemento de libertação, não correspondendo a sua ação a função econômica e política bem caracterizada. E por esse modo a sua verdadeira função seria a de não ser inteiramente absorvido pelo social, de permanecer por definição como símbolo e testemunho da liberdade".

"Para todos nós que vivemos da liberdade, o compromisso com partidos absorventes é o mesmo que um suicídio", disse ele em *Gordos e Magros*, 1935. A posição do escritor para ele foi a do defensor da liberdade, a do servidor da liberdade.

O nazismo, ele o considerou uma das doenças do nosso tempo (*O Vulcão e a Fonte*). Foi decididamente antinazista e antifascista. Como foi anticomunista. O seu humanismo o leva a essa opção político-social.

Em *Poesia e Vida (Os perigos da História)*, ele chamara ao fascismo câncer político. O seu horror ao fascismo foi nítido. Viu nele uma forma de totalitarismo, que era a negação do humanismo autêntico.

Falando admiravelmente de Bertrand Russell, em *O Vulcão e a Fonte*, ele declara que Russell em política era um inimigo da ditadura. E o fascismo e o comunismo seriam para ele similares.

Suas palavras sobre Thomas Mann são de uma ternura muito dele: "Porque Mann, como nenhum outro, é esta luz de Goethe, que não se apagou". Mann, símbolo do humanismo humano, do fraternalismo, na sua luta contra o nazismo, ou seja, a tirania. O itinerário do totalitarismo, ele o formulou de maneira clara, o nosso José Lins: ódio, poder militar, tirania.

Quando o padre Ducatillon, O.P., veio ao Rio, em 1945, José Lins foi ouví-lo. Ducatillon falava sobre a importância da libertação de Paris, como uma vitória da liberdade. Capital da sociabilidade humana, ou seja, capital da liberdade. Ducatillon falava no teatro Municipal repleto ou na ABI, e José Lins se lembrava de Valéry.

Sobre a Liberdade, em *O Vulcão e a Fonte*, é bem a síntese do pensamento de José Lins em matéria de filosofia política:

"Para os antigos, liberdade era a participação dos cidadãos no governo. Para os modernos, além desta liberdade política, devia existir a liberdade intelectual ou a liberdade de consciência, liberdade de pensar, de escrever, de falar, de reunir-se, de discutir, de ter uma opinião e divulgá-la ou ensiná-la. Esta seria a liberdade substancial do indivíduo, direito natural do homem independente do Estado". . .

Em *Homens, Seres e Coisas*, ele escreve que "a prosa poética de Sartre abarca o mundo com mais verdade que as suas fórmulas de mestre de seita". E então: "O filósofo pode ter toda a sabedoria da vida em seus alforjes, mas nada terá de semelhante com Deus. Deus é o supremo arquiteto — por conseguinte, um artista, e nunca o supremo filósofo". José Lins vê Deus como um criador poético, um artista, não como um filósofo.

Seu texto sobre Nietzsche e os robôs é de uma lucidez total. "Alguém já disse que seria Nietzsche o poeta épico do tamarckismo". . . E José Lins logo percebe e expõe a ligação entre o super-humanismo nietzschiano e o nazismo inumano.

Mas o que ele escreveu de melhor sobre um filósofo foi a página sobre

Farias Brito, luminosa página, de 1941, em *Gordos e Magros*. Falando do ensaio de Sílvio Rabello, sobre a aventura do espírito em Farias Brito, vê o filósofo como agitação intelectual. Vincula o mestre à sua terra, aos cariris adustos. É uma das grandes páginas de ensaísta do nosso José Lins. O filósofo unido à sua terra e ao seu povo.

Ouçamos: "Farias Brito quis reformar o homem, quis uma religião nova, quis um Cristo que fosse mais sábio do que Kant e mais poeta do que Spinoza. Pensou numa mistura de budismo e de cristianismo. Foi a reforma do homem pela filosofia, o seu sonho".

Notável também, ainda em *Gordos e Magros*, o capítulo sobre Bernanos, de 1942, em que José Lins compara o genial panfletário e romancista francês a Jeremias, o profeta, a propósito de *Lettre Aux Anglais*, o livro escrito em Barbacena. "Bernanos acredita na infância", conclui belamente José Lins do Rego.

Gilberto Freyre o salvou do seu destino de panfletário político, no Recife de 1923, ao lado do admirável Osório Borba. Gilberto pôs nas mãos de José Lins Thomas Hardy e Ernest Psichari, Jacques Maritain e Chesterton. E o pensamento de José Lins ganhou a complexidade e a universalidade que sempre mais e mais o marcaram. Um hedonista, um liberal, um católico independente, um espírito fraternal, lírico, assistemático, de uma religiosidade intensa, popular, vegetal, úmida do seu chão nordestino.

Seu pensamento filosófico vai do hedonismo, que parte dos sentidos, até a suprema afirmação da liberdade (do homem diante do Estado e dos partidos políticos). José Lins chega ao conceito de liberdade como valor e ao conceito de pessoa, como aquilo que há de mais perfeito no universo.

O seu hedonismo de sensual se transfigura em personalismo à maneira de Mounier. Assim, acreditou na vida. Teve uma fé global e poética na vida humana, como uma aventura axiológica.

Tudo que se punha a serviço do homem humano merecia o seu entusiasmo. E tudo que negava a humanidade do homem lhe merecia a repulsa por assim dizer-se instintiva. Pois tudo em José Lins parecia vir do instinto. Ele era com efeito um instintivo genial, intuitividade pura, percepção profunda e transracional da vida.

Amou sempre a Igreja de Roma. Teve uma posição de ternura diante do catolicismo, de que lhe falaram tantos autores, que leu e admirou, um Bernanos com a sua visão apocalíptica, um Maritain com o seu humanismo integral, um

Mauriac com o seu jansenismo tenso, um Claudel com o seu teocentrismo cósmico e lírico, um Psichari com a sua resposta a Renan, um Chesterton com o seu espírito de infância.

